

# FABLEHAVEN

OS QUE AQUI  
ENTRAREM  
NÃO SERÃO  
OS MESMOS  
AO SAÍREM

OS INVASORES  
SERÃO TRANSFORMADOS  
EM PEDRA



# FABLEHAVEN

ONDE AS CRIATURAS MÁGICAS SE ESCONDEM...



BRANDON MULL

ILUSTRAÇÕES  
BRANDON DORMAN

TRADUÇÃO  
ALEXANDRE D'ELIA

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES



## *Para Mary, que me possibilitou escrever*

Titulo original  
FABLEHAVEN

Este livro é de ficção. Qualquer referência a fatos históricos, pessoas reais ou localidades foram usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor, e qualquer semelhança com acontecimentos reais ou localidades ou pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

*Copyright* © 2006 by Brandon Mull

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida no todo ou em parte sem a autorização do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

*Printed in Brazil*/Impresso no Brasil

Preparação de originais  
MARIA BEATRIZ BRANQUINHO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M922f / Mull, Brandon, 1974-

Fablehaven – Onde as criaturas mágicas se escondem...

Brandon Mull; ilustrações de Brandon Dorman;

tradução de Alexandre D'Elia – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

il. – Primeira edição – Tradução de: Fablehaven

ISBN 978-85-61384-98-2

1. Magia – Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil americana.

I. Dorman, Brandon. II. D'Elia, Alexandre. III. Título.

09-5972

CDD – 028.5

CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

## Sumário

CAPÍTULO 1	Férias Obrigatórias.....	9
CAPÍTULO 2	Reunindo Pistas .....	26
CAPÍTULO 3	A Choupana de Hera .....	41
CAPÍTULO 4	O Lago Escondido .....	55
CAPÍTULO 5	Diário de Segredos.....	72
CAPÍTULO 6	Maddox .....	93
CAPÍTULO 7	Prisioneira em um Pote .....	112
CAPÍTULO 8	Retaliação.....	131
CAPÍTULO 9	Hugo .....	152
CAPÍTULO 10	Solstício de Verão .....	169
CAPÍTULO 11	Consequências.....	190
CAPÍTULO 12	Dentro do Estábulo.....	217
CAPÍTULO 13	Uma Mensagem Inesperada.....	229
CAPÍTULO 14	Um Troll em Busca de Vovô.....	249
CAPÍTULO 15	Os Fundos do Sótão.....	270
CAPÍTULO 16	A Capela Esquecida .....	291
CAPÍTULO 17	Uma Aposta Desesperada .....	308
CAPÍTULO 18	Bahumat.....	327
CAPÍTULO 19	Adeus a Fablehaven.....	348
	Agradecimentos .....	365



# FABLEHAVEN



## CAPÍTULO UM



# Férias Obrigatórias

**K**endra olhou pela janela lateral da caminhonete, observando a vegetação transformar-se em um borrão. Quando a velocidade tornou-se insuportável, ela olhou para a frente e fixou a vista numa árvore específica, seguindo-a até ela se aproximar lentamente, passar como um raio e em seguida diminuir gradativamente atrás dela.

Será que a vida era assim? Você pode olhar para a frente, em direção ao futuro, e para trás, em direção ao passado, mas o presente se move em uma velocidade tão excessiva que mal dá para absorver. Talvez às vezes dê. Não hoje. Hoje eles estavam passando por uma interminável autoestrada em meio às colinas repletas de árvores de Connecticut.

– Por que você não disse pra gente que o vovô Sorenson morava na Índia? – reclamou Seth.

O irmão dela tinha onze anos e estava quase na sexta série. Ele ficara cansado de brincar com o jogo eletrônico que trouxera – o que evidenciava que eles estavam numa viagem verdadeiramente épica.

Mamãe girou o corpo para olhar para o banco de trás.

– Não vai demorar muito. Aproveitem a paisagem.

– Estou com fome – disse Seth.

Mamãe começou a remexer dentro de uma sacola de supermercado cheia de coisas para comer.

– Que tal umas bolachas com manteiga de amendoim?

Seth pegou as bolachas. Papai, dirigindo, pediu algumas barrinhas de chocolate com amêndoa. No último Natal, ele chegara à conclusão de que esse era seu doce favorito e que deveria ter um pacote deles sempre à mão, o ano inteiro. Quase seis meses depois, ele continuava honrando sua decisão.

– Você quer alguma coisa, Kendra?

– Não, obrigada.

Kendra voltou sua atenção ao frenético desfile de árvores. Seus pais estavam de partida para um cruzeiro de dezessete dias na Escandinávia com todos os tios e tias do lado materno. Estavam todos indo de graça. Não porque haviam vencido algum concurso. Eles estavam indo para um cruzeiro porque os avós de Kendra haviam sido asfíxiados.

Vovô e vovó Larsen estavam visitando parentes na Carolina do Sul. Os parentes moravam num trailer. O trailer estava com uma espécie de problema relacionado a um vazamento de gás e todos eles morreram enquanto dormiam. Muito tempo atrás, vovô e vovó Larsen haviam especificado que, quando morressem, todos os filhos e res-

pectivos cônjuges deveriam utilizar uma determinada soma de dinheiro para realizar um cruzeiro na Escandinávia.

Os netos não foram convidados.

– Vocês não vão ficar entediados presos num navio por dezessete dias? – perguntou Kendra.

Papai olhou de relance para ela através do espelho retrovisor e disse:

– Dizem que a comida é incrível. Escargots, ovas de peixe, esse tipo de coisa.

– Nós não estamos nem um pouco entusiasmados com essa viagem – disse mamãe, com tristeza. – Não acho que seus avós tivessem em mente uma morte acidental quando fizeram esse pedido. Mas vamos nos empenhar ao máximo.

– O navio vai parando em todos os portos – disse papai, redirecionando deliberadamente a conversa. – Grande parte do tempo você passa embarcando e desembarcando.

– Esta viagem de carro também vai durar dezessete dias? – perguntou Seth.

– Já estamos quase chegando – disse papai.

– Temos mesmo que ficar com vovô e vovó Sorenson? – perguntou Kendra.

– Vai ser legal – disse papai. – Vocês deviam se sentir honrados. Eles quase nunca convidam ninguém pra ficar com eles.

– Exatamente. A gente quase não conhece eles. Eles são uns eremitas.

– Bem, eles são meus pais – disse papai. – De uma forma ou de outra, eu sobrevivi.

A estrada deixou de serpentear as colinas arborizadas ao passar por uma cidade. Eles pararam num sinal e Kendra observou uma mulher acima do peso abastecendo seu furgão. O para-brisa do veículo estava sujo, mas a mulher não parecia ter a menor intenção de lavá-lo.

Kendra olhou para a frente. O vidro da caminhonete estava imundo, cheio de insetos mortos, apesar de papai ter mandado lavá-lo na última vez em que pararam para reabastecer. Eles estavam viajando o dia inteiro, vindo de Rochester.

Kendra sabia que vovô e vovó Sorenson não os haviam convidado para ficar com eles. Ela ouvira sua mãe se aproximar de vovô Sorenson e perguntar se as crianças não poderiam ficar com eles. Foi no enterro.

A lembrança do enterro fez com que Kendra estremecesse. Antes de tudo houve uma vigília, quando vovô e vovó Larsen foram colocados em caixões idênticos. Kendra não gostou de ver o vovô Larsen usando maquiagem. Quem fora o louco que decidira que quando as pessoas morriam um taxidermista deveria ser contratado para deixar o corpo bonitinho para receber os últimos olhares? Ela preferia se lembrar deles vivos a naquela grotesca exposição com seus trajes de domingo. Os Larsen eram os avós que sempre fizeram parte da sua vida. Eles haviam passado inúmeros feriados e férias juntos.

Kendra mal podia se lembrar de ter passado algum tempo com vovô e vovó Sorenson. Eles haviam herdado uma propriedade em Connecticut na época em que os pais dela se casaram. Os Sorenson jamais os convidaram a fazer uma visita e raramente iam até Rochester. Quando apareciam, geralmente era um ou outro. Só foram juntos duas vezes. Os Sorenson eram legais, mas suas visitas eram

pouco frequentes e breves demais para que algum laço verdadeiro ocorresse entre eles. Kendra sabia que a vovó havia lecionado história em alguma faculdade e que o vovô havia viajado muito, tocando um pequeno negócio de importação. E isso era tudo.

Todos ficaram surpresos quando vovô Sorenson apareceu no enterro. Fazia mais de um ano e meio desde a última visita dos Sorenson. Ele pediu desculpas pelo fato de sua mulher não comparecer por não estar se sentindo bem. Sempre parecia haver uma desculpa. Às vezes Kendra imaginava se eles não eram divorciados e mantinham isso em segredo.

Ao final da vigília, Kendra ouviu sua mãe adulando o vovô Sorenson para que cuidasse das crianças. Eles estavam num corredor afastado dos outros. Kendra os escutou conversando antes de se aproximar e parou para prestar atenção.

– Por que eles não podem ficar com Marci?

– Normalmente eles poderiam, mas Marci também participará do cruzeiro.

Kendra espiou pelo canto do corredor. Vovô Sorenson vestia um paletó marrom com proteção nos cotovelos e uma gravata-borboleta.

– Para onde vão os filhos de Marci?

– Vão ficar com os sogros dela.

– Que tal uma babá?

– Duas semanas é tempo demais para uma babá. Eu me lembro de você mencionar a possibilidade de receber as crianças por um tempo.

– É, eu me lembro. Mas tem de ser no fim de junho? Por que não em julho?

– O cruzeiro tem data certa. Qual é a diferença?

– As coisas ficam mais complicadas por essa época. Não sei não, Kate. Eu estou meio sem prática com crianças.

– Stan, não quero ir a esse cruzeiro. Isso era uma coisa importante para meus pais, então a gente está indo. Não tenho a menor intenção de arrumar problema para você.

Mamãe parecia estar a ponto de chorar.

Vovô Sorenson suspirou.

– Acho que conseguiremos encontrar um lugar para enfiá-los.

Kendra afastou-se do corredor nesse instante. Desde aquela ocasião, ela mantivera para si mesma uma preocupação a respeito de ficar hospedada na casa do vovô Sorenson.

Após deixar para trás a cidade, a caminhonete subiu uma rampa íngreme. Então a estrada fez uma curva em torno de um lago e se perdeu em meio a pequenas colinas arborizadas. De vez em quando eles passavam por uma caixa de correio. Às vezes uma casa ficava visível em meio às árvores; outras vezes aparecia apenas uma longa estrada.

Eles entraram numa estrada mais estreita e continuaram seguindo. Kendra inclinou-se para a frente e verificou o nível do combustível.

– Papai, a gente só está com um quarto de tanque – disse ela.

– Já estamos quase lá. Vamos abastecer assim que deixarmos vocês lá.

– Não dá pra gente ir com vocês ao cruzeiro? – perguntou Seth.

– A gente podia se esconder nos botes salva-vidas. Vocês podiam surrupiar comida pra gente.

– Vocês, crianças, vão se divertir muito mais com vovô e vovó Sorenson – disse mamãe. – Esperem só para ver. Deem uma chance.

– Chegamos – disse papai.

Eles encostaram numa estradinha de cascalho. Kendra não podia ver nenhum sinal de casa, apenas a estradinha desaparecendo de vista em meio às árvores.

Com os pneus esmagando o cascalho, eles passaram por diversos avisos de que estavam em propriedade particular. Outros sinais alertavam os invasores. Eles chegaram a um portão de ferro baixo que estava aberto, mas que podia ser fechado para impedir o acesso.

– Essa é a mais longa estradinha do mundo! – reclamou Seth.

Quanto mais eles avançavam, menos convencionais ficavam os avisos. *Propriedade privada e Não entre* davam espaço a *Cuidado, calibre 12 e Invasores serão processados*.

– Esses avisos são engraçados – disse Seth.

– Parecem assustadores, isso sim – murmurou Kendra.

Após mais uma curva, a estradinha alcançou uma cerca alta de ferro encimada de flores-de-lis. O portão duplo estava aberto. A cerca estendia-se até o interior do arvoredo em todas as direções, até onde a vista de Kendra podia alcançar. Perto da cerca encontrava-se um último aviso:

*Morte certa o espera.*

– Vovô Sorenson é paranoico? – perguntou Kendra.

– Os avisos são uma piada – disse papai. – Ele herdou essas terras. Tenho certeza que a cerca já estava aqui.

Depois de passarem pelo portão, ainda não havia sinal de casa. Somente mais árvores e arbustos. Eles atravessaram uma pequena ponte sobre um córrego e subiram uma pequena ribanceira. Ali as árvores sumiam abruptamente, tornando visível a casa do outro lado de um vasto gramado.

A casa era grande, mas não enorme, com várias empenas e até mesmo um torreão. Depois do portão de ferro, Kendra esperava um castelo ou uma mansão. Construída com madeira escura e pedra, a casa parecia velha, mas em bom estado de conservação. O terreno era mais vistoso. Um resplandecente jardim florido dava o ar de sua graça em frente à casa. Sebes bem aparadas e um laguinho com peixes adicionavam personalidade ao jardim. Atrás da casa, assomava um imenso estábulo em cor marrom, com pelo menos cinco andares de altura, encimado por um cata-vento.

– Adorei o lugar – disse mamãe. – Seria muito bom se todos pudéssemos ficar.

– Você nunca esteve aqui? – perguntou Kendra.

– Não. Seu pai veio aqui umas duas vezes antes de a gente se casar.

– Eles vão até as últimas consequências para desencorajar visitantes – disse papai. – Eu, tio Carl, tia Sophie, nenhum de nós passou muito tempo aqui. Não entendo. Vocês, crianças, têm sorte. Vão se divertir pra valer. Mesmo que não houvesse mais nada pra fazer, vocês poderiam passar o tempo todo brincando na piscina.

Papai encostou o carro do lado de fora da garagem.

A porta da frente se abriu e vovô Sorenson surgiu, seguido por um homem alto e desengonçado, com grandes orelhas, e uma mulher magra e mais velha. Mamãe, papai e Seth saíram do carro. Kendra ficou sentada observando.

Vovô estava bem barbeado no enterro, mas agora estava com uma barbicha grisalha. Ele estava usando um jeans envelhecido, botas de trabalho e uma camisa de flanela.

Kendra estudou a mulher mais velha. Ela não era a vovó Sorenson. Apesar de seu cabelo branco entremeado com alguns fios pre-

tos, seu rosto possuía uma característica atemporal. Seus olhos ameadados eram pretos como café, e suas feições sugeriam certa descendência asiática. Baixa e levemente curvada, ela possuía uma beleza exótica.

Papai e o homem desengonçado abriram a porta traseira da caminhonete e começaram a retirar as malas e mochilas.

– Você vem ou não, Kendra? – perguntou papai.

Kendra abriu a porta e pulou no cascalho.

– Basta colocar as coisas lá dentro – disse vovô. – Dale levará tudo para o quarto.

– Onde está mamãe? – perguntou papai.

– Visitando sua tia Edna.

– No Missouri?

– Edna está morrendo.

Kendra mal ouvira falar de tia Edna, de modo que a notícia não significou muita coisa para ela. Ela olhou para a casa. Reparou que as janelas possuíam vidro fosco. Ninhos de pássaros estavam grudados embaixo dos beirais.

Todos migraram para a porta da frente. Papai e Dale carregaram as bolsas maiores. Seth segurava uma mochila menor e uma caixa de cereais. A caixa de cereais era seu kit de emergência e continha os mais diversos objetos que ele imaginava que viriam a calhar para alguma aventura – tiras de borracha, uma bússola, barras de granola, moedas, uma pistola de esguicho, lentes de aumento, algemas de plástico, uma corda e um apito.

– Essa aqui é Lena, nossa caseira – disse vovô. A mulher mais velha fez um gesto com a cabeça e acenou levemente. – Dale me ajuda a cuidar da terra.

– Não é que você é uma gracinha? – disse Lena para Kendra. – Deve ter uns catorze anos, estou certa? – Lena tinha um leve sotaque que Kendra não conseguia distinguir.

– Vou fazer em outubro.

Uma aldrava de ferro estava pendurada na porta da frente: um duende com os olhos miúdos e uma argola na boca. A espessa porta possuía dobradiças maciças.

Kendra adentrou a casa. O piso do hall de entrada era revestido de madeira brilhante. Um definhado arranjo de flores estava disposto sobre uma mesa baixa em um vaso branco de cerâmica. Um cabide alto de cobre ficava em uma das laterais do hall, ao lado de um banco preto com um encosto alto e recurvado. Na parede encontrava-se pendurado um quadro representando uma caçada de raposa.

Kendra podia enxergar uma outra sala onde um enorme tapete bordado cobria a maior parte do piso de madeira. Como a casa em si, os móveis eram antiquados, mas em bom estado. Os sofás e poltronas eram em sua maioria do tipo que você esperaria encontrar ao visitar um local histórico.

Dale estava se encaminhando para as escadas com algumas das bolsas. Lena pediu licença e foi até outra sala.

– Sua casa é linda – disse mamãe, efusivamente. – Gostaria de ter tempo para realizar um tour completo.

– Quem sabe quando vocês voltarem – disse vovô.

– Obrigado por deixar as crianças ficarem aqui com vocês – disse papai.

– É um prazer. Não percam mais tempo.

– Nós estamos em cima da hora – disse papai, desculpando-se.

– Vocês, crianças, por favor, comportem-se e façam tudo o que o vovô Sorenson mandar vocês fazerem – disse mamãe. Ela abraçou Kendra e Seth.

Kendra sentiu lágrimas surgindo em seus olhos. Ela lutou para contê-las.

– Divirtam-se no cruzeiro.

– Estaremos de volta antes que vocês possam imaginar – disse papai, abraçando Kendra e acariciando a cabeça de Seth.

Acenando, mamãe e papai saíram da casa. Kendra foi até o umbral e observou-os entrar na caminhonete. Papai buzinou ao partir. Kendra lutou novamente contra as lágrimas enquanto o veículo desaparecia em meio às árvores.

Mamãe e papai provavelmente estavam rindo, aliviados por estarem a sós para as mais longas férias de sua vida de casados. Ela quase podia ouvir o ruído das taças de cristal no momento do brinde. E lá estava ela, abandonada. Kendra fechou a porta. Seth, distante como sempre, estava examinando as intrincadas peças de um tabuleiro de xadrez decorativo.

Vovô estava em pé no hall de entrada, observando Seth e parecendo educadamente desconfortável.

– Deixe as peças de xadrez em paz – disse Kendra. – Elas parecem caras.

– Oh, deixa ele – disse vovô. Pela maneira como ele falou, Kendra podia perceber que ele ficou aliviado de ver Seth recolocando as peças no lugar. – Podemos ir até o quarto de vocês?

Eles seguiram vovô escada acima e percorreram um corredor atapetado até a base de uma estreita escadaria de madeira que da-

va para uma porta branca. Vovô continuou pisando os degraus que rangiam.

– Nós quase não recebemos visitas, principalmente crianças – disse vovô por cima do ombro. – Eu acho que vocês vão ficar bem confortáveis nesse sótão.

Ele abriu a porta, e eles entraram depois dele. Preparada para enfrentar tramas sinistras e instrumentos de tortura, Kendra ficou aliviada ao descobrir que o sótão era uma alegre sala de jogos. Espaciosa, limpa e bem iluminada, a longa sala possuía um par de camas, prateleiras repletas de livros infantis, armários não embutidos, guarda-roupas bem arrumados, um unicórnio de balanço, várias arcas com brinquedos e uma galinha em uma gaiola.

Seth foi de imediato até a galinha.

– Que legal!

Ele enfiou um dedo pelas barras finas, tentando tocar as penas douradas do animal.

– Cuidado, Seth – alertou Kendra.

– Está tudo bem – disse vovô. – Cachos Dourados é muito mais um animal de estimação do que uma galinha de poleiro. Normalmente é sua avó quem toma conta dela. Imaginei que vocês não se importariam de assumir essa tarefa enquanto ela está ausente. Vocês precisam dar comida para ela, limpar a gaiola e recolher os ovos.

– Ela põe ovos! – Seth parecia maravilhado e encantado.

– Um ovo ou dois por dia, se você alimentá-la bem – disse vovô. Ele apontou para um balde de plástico branco cheio de sementes perto da gaiola. – Uma concha de manhã e outra à noite são o suficiente para ela. Vocês terão de trocar o pano da gaiola a cada dois dias e se certificar de que ela está com água em abundância. Todas as ma-

nhãs damos a ela uma pequena tigela com leite – disse vovô, piscando. – Esse é o segredo por trás da produção de ovos.

– A gente vai poder tirá-la daí alguma vez? – A galinha se aproximara o suficiente para Seth tocar suas penas com o dedo.

– Desde que vocês a recolorem na gaiola depois. – Vovô abaixou-se e colocou um dedo na gaiola, e Cachos Dourados instantaneamente bicou-o. Vovô retirou a mão. – Ela nunca gostou muito de mim.

– Alguns desses brinquedos parecem bem caros – disse Kendra, parando ao lado de uma casa de bonecas da era vitoriana, toda ornamentada.

– Brinquedos são feitos pra serem usados – disse vovô. – Façam o possível pra deixá-los em bom estado. Isso já é o suficiente.

Seth afastou-se da gaiola e foi na direção de um pequeno piano no canto do quarto. Ele bateu nas teclas, e as notas soaram de uma maneira inesperada para Kendra. Era um cravo em miniatura.

– Considerem este quarto o espaço de vocês – disse vovô. – Se agirem com bom-senso, não vou me importar que mexam nas coisas que estão aqui, contanto que tratem o resto da casa com respeito.

– Tudo bem – disse Kendra.

– Também tenho uma notícia não muito agradável. Estamos no auge da temporada dos carrapatos. Você já ouviram falar da Doença de Lyme?

Seth balançou a cabeça.

– Acho que sim – disse Kendra.

– Foi descoberta inicialmente na cidade de Lyme, Connecticut, não muito distante daqui. É transmitida pela picada de carrapato. As florestas estão infestadas de carrapatos este ano.

– E o que ela causa? – perguntou Seth.

Vovô fez uma pausa solene e em seguida prosseguiu:

– Começa com um problema de pele. Em pouco tempo, pode levar à artrite, à paralisia e à falência cardíaca. Além disso, com ou sem doença, você não vai querer carrapatos grudados na pele sugando seu sangue. A gente tenta arrancá-los e a cabeça do bicho se solta. É difícil tirar.

– Que coisa nojenta! – exclamou Kendra.

Vovô anuiu com a cabeça, com o olhar sinistro.

– Eles são tão pequenos que você mal consegue enxergá-los, pelo menos até que eles estejam cheios de sangue. Aí então incham e ficam do tamanho de uma uva. De qualquer modo, a questão é a seguinte: vocês, crianças, não podem entrar na floresta em hipótese alguma. Fiquem no gramado. Desobedeçam a essa regra e seus privilégios em relação às brincadeiras ao ar livre serão revogados. Estamos entendidos?

Kendra e Seth balançaram a cabeça em concordância.

– Vocês também devem ficar longe do estábulo. Tem escadas demais e equipamentos de fazenda muito velhos e com partes bem enferrujadas. As mesmas regras da floresta se aplicam ao estábulo. Pisem lá e passarão o resto de seus dias nesta casa dentro deste quarto.

– Tudo bem – disse Seth, atravessando o quarto em direção ao local onde se encontrava um pequeno cavalete disposto sobre uma lona salpicada de tinta. Uma tela em branco repousava sobre o cavalete. Outras telas em branco estavam encostadas na parede, ao lado de prateleiras lotadas de vidrinhos de tinta. – Posso pintar?

– Vou falar pela segunda vez: vocês podem fazer o que quiserem neste quarto – disse vovô. – Só tentem não destruí-lo. Tenho muitos afazeres, portanto pode ser que eu não fique por perto o tempo todo. Com certeza há brinquedos e atividades suficientes pra mantê-los ocupados.

– E televisão? – perguntou Seth.

– Não tem televisão nem rádio – respondeu vovô. – Regras da casa. Se precisarem de algo, Lena estará sempre por perto. – Ele indicou um fio roxo pendurado na parede perto de uma das camas. – Puxem o fio se precisarem dela. Na verdade, daqui a alguns minutos Lena estará aqui em cima com o jantar de vocês.

– Não vamos comer juntos? – perguntou Kendra.

– Algumas vezes. Neste exato momento eu tenho de visitar a plantação de feno do lado leste. Talvez só retorne mais tarde.

– Qual é o tamanho de sua fazenda? – perguntou Seth.

Vovô sorriu.

– Maior do que deveria. Vamos ficar assim. Vejo vocês amanhã de manhã. – Ele se virou para sair, mas parou, enfiando a mão no bolso do casaco. Ele se voltou e entregou a Kendra um pequeno chaveiro com três chaves em miniatura de tamanhos variados. – Cada uma dessas chaves se encaixa em alguma coisa neste quarto. Tente descobrir o que elas abrem.

Vovô Sorenson saiu do quarto fechando a porta atrás de si. Kendra ouviu-o descendo as escadas. Ela ficou parada na porta, esperando, e então, delicadamente, tentou girar a maçaneta. Girou lentamente. Ela abriu a porta, espiou a escadaria vazia e então fechou-a. Pelo menos ele não os havia trancado lá dentro.

Seth havia aberto um baú de brinquedos e estava examinando o conteúdo. Os brinquedos eram antiquados, mas encontravam-se em excelente estado de conservação. Soldados, bonecas, quebra-cabeças, animais empalhados, blocos de madeira.

Kendra caminhou até um telescópio perto de uma janela. Encostou o olho na lente, posicionou o telescópio na direção da vidraça e começou a girar o botão para ajustar o foco. Ela conseguiu melhorar o foco, mas o ajuste não ficou perfeito.

Ela parou de mexer no botão e examinou a janela. As vidraças eram feitas de vidro fosco, como as da frente da casa. As imagens estavam sendo distorcidas antes de alcançarem o telescópio.

Kendra soltou um trinco e abriu a janela. Ela teve uma boa visão da floresta a leste da casa, iluminada pelos tons dourados do sol que se punha. Movendo o telescópio para mais perto da janela, ela passou um tempo dominando o botão de foco, fazendo com que as folhas das árvores abaixo ficassem bastante nítidas.

– Me deixa ver – disse Seth. Ele estava em pé ao lado dela.

– Primeiro junta aqueles brinquedos. – Vários brinquedos estavam empilhados desordenadamente perto do baú aberto.

– Vovô disse que a gente pode fazer o que quiser aqui dentro.

– Sem provocar nenhum desastre. Você já está destruindo o lugar.

– Eu estou brincando. Isso aqui é uma sala de jogos.

– Lembra que mamãe e papai disseram que a gente tinha de se comportar bem?

– Lembra que mamãe e papai não estão aqui?

– Vou contar pra eles.

– Como? Vai enfiar uma anotação dentro de uma garrafa e jogar no mar? Você não vai nem se lembrar mais quando eles tiverem voltado.

Kendra notou um calendário na parede.

– Vou escrever naquele calendário.

– Legal. E vou olhar por esse telescópio enquanto você faz isso.

– Essa é a única coisa que eu estava fazendo no quarto. Por que você não acha outra coisa pra fazer?

– Eu não tinha reparado no telescópio. Você não pode dividir comigo? Mamãe e papai também não disseram que a gente tinha de dividir tudo?

– Certo – disse Kendra. – É todo seu. Mas vou fechar a janela. Tem inseto entrando.

– Pouco importa.

Ela fechou a janela.

Seth encostou o olho na lente e começou a girar o botão de foco. Kendra olhou mais de perto o calendário. Era de 1953. Cada mês estava acompanhado de uma ilustração de um castelo de conto de fadas.

Ela abriu o mês de junho. Hoje era 11 de junho. Os dias da semana não combinavam, mas ela ainda assim podia fazer as contas de quando seus pais voltariam. Eles estariam de volta no dia 28 de junho.

– Essa porcaria não tem nem foco – reclamou Seth.

Kendra sorriu.